

## POR UMA ESCOLA PLURAL: O TRATO NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS.

Bruna da Silva Oliveira <sup>1</sup>  
Daniel Balbino Filho Souza <sup>2</sup>  
Ieda Mayara de Santana <sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

Muito se discutiu sobre educação especial e inclusão escolar nos últimos anos, tanto dentro do contexto escolar quanto social, sendo a educação especial uma modalidade da educação brasileira destinada às pessoas com Necessidades Educativas Especiais – NEE (TENENTE, 2017).

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 mobilizou o país em relação aos direitos individuais e sociais, estabelecendo que todos são iguais perante a lei, portanto, todos têm direitos, inclusive à mesma educação (BRASIL, 1988).

O autismo é uma síndrome definida a partir de características ou sintomas comportamentais que compõem o quadro diagnóstico. As primeiras publicações que descreveram de forma sistematizada essas características ou sintomas foram os estudos Leo Kanner em 1943 e Hans Asperger em 1944 (BOSA, 2008).

De uma maneira ampla, o tema tem ganhado cada vez mais espaço no meio acadêmico, bem como social. As escolas têm buscado cada vez mais adaptar não apenas o espaço, mas as ações pedagógicas direcionadas para o atendimento educacional às crianças com autismo. De tal modo a inclusão escolar visar valoriza a diversidade, cooperação e respeito aos diferentes (BRANDE, 2012).

Diante do exposto, questiona-se: Como a escola e o corpo de funcionários que a compõem tratam as crianças autistas? Como acontece a adaptação e o desenvolvimento do aluno com autismo na escola? De que forma a escola contribui para o desenvolvimento do aluno com autismo? Os questionamentos propostos são imprescindíveis para a compreensão mais detalhada acerca da educação de crianças autistas, buscando compreender os aspectos que envolvem a inclusão.

Tem-se como objetivo geral: Compreender como se dá o processo de inclusão da criança com autismo no ensino.

É essencial compreendermos que a educação inclusiva não pode acontecer apenas mediante decretos e diretrizes, esta deve ser de maneira ativa, acontecendo na escola por meio da ação de todos que fazem parte do contexto escolar (CAMARGO, BOSA, 2008).

Os objetivos específicos são: Identificar como os alunos com autismo se desenvolve em relação ao conhecimento; compreender os desafios e perspectivas da escola quanto ao processo de inclusão e desenvolvimento dos alunos com autismo; verificar como se dá a adaptação à sala aula dos alunos com necessidades educacionais especiais.

<sup>1</sup> Graduada em Biologia na Universidade Regional do Cariri – URCA, Pós-Graduada em Ciências da Natureza e Matemática na Universidade Vale do Acaraú – UVA, [bruninha-alves2009@hotmail.com](mailto:bruninha-alves2009@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduado em Biologia na Universidade Regional do Cariri – URCA, Pós-Graduado em Ciências da Natureza e Matemática na Universidade Vale do Acaraú – UVA, [daniel.souza2805@gmail.com](mailto:daniel.souza2805@gmail.com) ;

<sup>3</sup> Professor orientador: Mestranda em Ensino de História, Universidade Regional do Cariri – URCA, [ieda.mayara93@gmail.com](mailto:ieda.mayara93@gmail.com).

A referida pesquisa destaca de maneira específica o Autismo, que se trata do transtorno do desenvolvimento que comprometem as habilidades de comunicação e interação social, com características específicas, analisando como se dá o processo de desenvolvimento de uma criança com o referido transtorno. E assim, destaca-se o papel de uma escola plural nas ações voltadas para a inclusão e trabalho direcionado com esta criança, enfatizando as leis que asseguram sua entrada e permanência na escola, bem como o papel da família junto ao processo educacional da criança com necessidades educacionais especiais.

Diante do exposto, o estudo da temática apresentada justifica-se mediante o interesse em compreender os desafios que envolvem a educação inclusiva, tendo como foco a criança com Autismo e o atendimento educacional especializado.

O interesse pelo estudo da referida temática deu-se frente à necessidade de mais conhecimento e a ações para melhorar a convivência com pessoas portadoras desse transtorno, visando destacar a educação como um fator decisivo para a integração dessas crianças. Nesse contexto, a pesquisa assume imensa relevância junto ao meio acadêmico, educacional e social.

## **METODOLOGIA**

Quanto à abordagem adotada para a análise do problema proposto, esta se deu de forma qualitativa, e os objetivos propostos para a realização da presente pesquisa, esta pode ser classificada como exploratória. Destacando a pesquisa bibliográfica como aspecto essencial para a junção das informações a compreensão da temática em estudo. A pesquisa foi desenvolvida junto à Escola de Ensino Infantil e Fundamental Ossian Alencar Araripe, distrito de Carmelópolis – Campos Sales, CE. Trata-se de uma comunidade rural, da microrregião da chapada do Araripe, localizada acerca de 32 km da sede.

O período da pesquisa, se deu entre os meses de maio a setembro, por meio de observações na escola quanto ao processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento da criança com autismo, visando assim compreender de maneira mais específica como acontece a inclusão na escola, bem como os desafios e as perspectivas que envolvem o processo.

Para a sistematização das informações necessárias para a realização desta, foi essencial a aplicação de um questionário, previamente estruturado com dez (10) questões, sendo cinco (05) direcionadas para duas professoras da turma do infantil III e cinco (05) para a gestão da escola a fim de compreender de maneira específica o processo de inclusão educacional da criança com Autismo, possibilitando uma análise quanto ao processo de inclusão da criança com Autismo.

## **REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

### **3.1 A educação para todos**

Incluir é pensar na participação ativa de todos no processo educacional, buscando condições para que o processo seja significativo para todos os educandos. O aluno com necessidades especiais não pode mais ser visto como uma criança “anormal”, como muitos ainda consideram. Suas limitações existem, mas suas capacidades também, e com base no conhecimento destas, professor e demais profissionais devem traçar um plano de trabalho que permita avanços, tanto em aspectos educacionais quanto sociais, o que influenciará em toda a sua vida, dentro e fora da escola (PEREIRA, 2015).

Nesse contexto, a educação inclusiva deve considerar:

[...] uma verdadeira transformação da escola, de tal modo que o aluno tenha a oportunidade de aprender, mas na condição de que sejam respeitados as suas

peculiaridades, necessidades e interesses, a sua autonomia intelectual, o ritmo e suas condições de assimilação dos conteúdos curriculares (MANTOAN, 1998, p. 3).

Com o crescimento do discurso da inclusão e diversidade, cada vez mais se vê surgir na sociedade uma nova escola, mais aberta, diversa e integral, tornando o espaço escolar mais colorido e rico em aprendizagem, todavia ainda há muito há fazer para a construção de uma escola efetivamente inclusiva e comprometida com a diversidade (BORGES, 2013).

Nesse aspecto, pode-se complementar que:

A escola não pode mudar tudo e nem pode mudar a si mesma sozinha. Ela está intimamente ligada à sociedade que a mantém. Ela é, ao mesmo tempo, fator e produto da sociedade. Como instituição social, ela depende da sociedade e, para se transformar, depende também da relação que mantém com outras escolas, com as famílias, aprendendo em rede com elas, estabelecendo alianças com a sociedade, com a população (GADOTI, 2007, p. 12).

As diferenças existem e um trabalho inclusivo deve ser organizado com a finalidade de que estas se transformem em socialização, inclusão. Também é fundamental a inserção de profissionais capacitados para lidarem com as diversas situações de necessidades especiais na escola, o que amplia o espaço de trabalho do psicopedagogo nesse cenário, cabendo a este, auxiliar na formação do trabalho docente, para que sejam desenvolvidas ações com ênfase no desenvolvimento da criança (MATTOS, 2011).

### **3.2 Inclusão escolar: perspectivas e desafios**

Na perspectiva de uma educação realmente inclusiva, a Política Nacional de Educação Especial destaca:

A educação inclusiva tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (BRASIL, 2008, p.14).

Falar em educação inclusiva nos remete a entendermos o problema de maneira ampla e não apenas restrita à determinada necessidade educacional. O essencial é que os educadores, enquanto agentes transformadores do meio sejam capazes de compreender a inclusão como algo necessário para o processo de formação humana, direcionando seu trabalho com foco no ser humano, enquanto sujeito ativo de uma sociedade. A escola que conhecemos, de uma maneira geral, deveria ser planejada para oferecer educação para todos (COSTA, 2017).

Nos debates mais atuais sobre inclusão, o ensino escolar brasileiro tem diante de si o desafio de encontrar soluções que respondam à questão do acesso e da permanência dos alunos nas instituições educacionais. Algumas escolas públicas e particulares já adotaram ações nesse sentido, ao proporem mudanças na sua organização pedagógica, de modo a reconhecer e valorizar as diferenças, sem discriminar os alunos nem segregá-los (ARANTES, *et al*, 2006, p. 15-16).

Educar precisa sair dos padrões até então estabelecidos ou pretendidos. É preciso agora saber lidar com as diversidades, com as múltiplas possibilidades de aprendizagem, oferecendo oportunidades iguais para os educandos, sem distinções, sem exclusões (SANTOS, 2014).

### 3.3 Inclusão do estudante com TEA

O autismo é uma síndrome comentada há mais de seis décadas que ainda hoje não foi completamente entendida. Diversas teorias visam explicar as possíveis causas e os sintomas decorrentes do autismo, sendo que atualmente as definições tendem a conceituá-lo como uma síndrome comportamental, de etiologias diversas (MATTOS, 2011).

O Transtorno Autista é uma condição classificada no DSM-5 como pertencente à categoria denominada Transtornos de Neurodesenvolvimento, recebendo o nome de Transtornos do Espectro Autista (TEA). Assim, o TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico, que deve estar presente desde a infância, apresentando déficits nas dimensões socio comunicativa e comportamental (APA, 2003).

Estas características podem favorecer o isolamento da criança, empobrecendo, ainda mais, suas habilidades comunicativas (BRASIL, 2008). Nesse sentido, a escola se constitui como um recurso fundamental para enriquecer as experiências sociais das crianças com TEA, oportunizando a interação entre pares e contribuindo para o desenvolvimento de novas aprendizagens e comportamentos.

Com base em Lima (2006, p. 63).

A inclusão, portanto, não é algo que se fala, mas algo que se vive, intensa e conscientemente, contínua e tenazmente, concreta e francamente. A inclusão é a participação de todos pelo todo, com todos. A inclusão não é uma mera teoria da moda, mas uma atitude de vida; uma expressão de sociedade e cidadania; uma compreensão de que todos os seres humanos são humanos sem distinção.

Por trás da discussão sobre matricular ou não crianças autistas em escolas regulares, escondem-se a falta de conhecimento sobre o problema e as dificuldades que as instituições enfrentam para lidar com a diversidade como um todo. Para tanto quanto mais as pessoas, de um modo geral, e em especial, os profissionais da área da educação, souberem acerca desta (características, estilos de comportamento, etc.), mais conquistas serão feitas (MEIRELLES, 2019).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo dados levantados junto à Secretaria Municipal de Educação de Campos Sales, estimasse haver apenas 05 casos de crianças em idade escolar, matriculadas no ensino básico, com diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro Autista). Tendo em vista a dificuldade de obter o diagnóstico em algumas famílias cujas crianças apresentam traços de autismo, o município junto às escolas trabalha para mapear casos desse tipo, bem como outros transtornos que resultem em deficiência de aprendizagem, em parceria com a Secretaria de Saúde. Nesses casos o professor e a escola são agentes importantes para detectar através do comportamento os primeiros indícios da TEA.

A primeira barreira a ser derrubada é a da falta de conhecimento sobre o assunto. Para tanto o município conta com um copo de profissionais, com psicopedagogos e fonoaudiólogos, que visitam as escolas para orientar os professores e acolher as famílias na busca de informação.

Essa intervenção vem em forma de palestras, conversas particulares e acompanhamento das ações realizadas pelos educadores.

No caso específico da E.E.I.F. Ossian Alencar Araripe, há apenas uma criança autista do sexo masculino, estudante da Educação Infantil. Como o garoto, ainda está em fase de alfabetização, o acompanhamento adequado é determinante para direcionar a vida escolar desse aluno. Para tanto, as professoras têm buscado integrá-lo nas atividades com os demais colegas, apesar de dificuldade em promover a socialização com o restante da turma. Durante essa fase é importante estimular o diálogo, dar atenção à criança autista, quando esta busca a comunicação. O fator motivacional também faz a diferença.

Nesse sentido, o trabalho coletivo na escola, tem obtido bons resultados. A criança é avaliada gradativamente com atividades diárias, que são desenvolvidas segundo seus gostos e aptidões, para que ele se sinta a vontade. A integração familiar tem sido positiva. As barreiras do preconceito e desinformação estão sendo derrubadas, à medida que os pais dos outros alunos compreendem que a criança autista não representa um perigo para os seus filhos, tendo em vista a atenção constante ao aluno, bem como a presença de um segundo professor para auxiliar nas atividades.

Durante o processo de ensino-aprendizagem as professoras descobriram que o garoto tem facilidade para memorizar as coisas a partir de personagens de desenho e canções, assim foi desenvolvendo a fala e o aprendizado de cores, números, formas geométricas, partes do corpo, dentre outros conhecimentos. O controle da agressividade apresentada pelo aluno, bem como sua socialização na turma, veio através de um processo de integração lento, onde o garoto foi ensinado a confiar nos colegas e interagir aos poucos, assim como as demais crianças também foram aprendendo a lidar com ele. Esse processo ainda está apenas no início. Família e escola estão se adaptando ao autismo, começando a caminhar no sentido de promover a inclusão.

Através de questionários direcionados aos docentes das turmas de Educação Infantil III da referida escola, bem como núcleo gestor, foi possível levantar os dados necessários à realização de tal pesquisa.

Foram expostos alguns pontos para uma melhor compreensão quanto ao processo educacional e o desenvolvimento da criança com Autismo. O primeiro item, diz respeito à participação das professoras em algum curso específico que pudesse prepará-las para a atuação com as crianças de NEE. As duas professoras questionadas afirmaram desconhecer quaisquer preparação específica para o trabalho voltado a este público, apenas o planejamento que não trata das especificidades, mas no âmbito geral. Pontuando que esporadicamente há ações específicas voltadas a crianças com NEE, com uma abordagem recente acerca do Autismo.

Quanto a sua rotina pedagógica, as docentes foram questionadas sobre a utilização de propostas pedagógicas que atendam as reais necessidades e especificidades do aluno com Autismo, e de que forma seria essa intervenção. Na junção das falas das docentes questionadas, estas afirmam que buscam inserir a criança com NEE junto ao contexto dos demais colegas, mas dentro das suas limitações.

O terceiro item busca analisar a percepção, sob o olhar das docentes, quanto à convivência dos alunos em sala de aula regular em relação aos colegas com Autismo, e de que forma ocorre a mediação nesse diálogo. As professoras lembram que trabalham com apenas um caso de TEA, e destacam que a convivência com os demais colegas tornou-se pacífica e integradora, pois as crianças buscam sempre ajudar umas as outras e deixam espaço aberto para que todos possam ter participação ativa nas atividades propostas, independentemente de suas especificidades.

Mediante a análise do quarto item, buscou-se a compreensão de como se dá o estímulo à aprendizagem da criança com Autismo. As duas docentes citaram a importância das atividades

direcionadas com a utilização de jogos e brincadeiras, o que motiva a participação de todos, junto à aprendizagem e desenvolvimento de suas capacidades.

O quinto e último ponto proposto destaca as considerações feitas pelas docentes em relação à inclusão escolar de alunos com Autismo na escola regular, e estas acrescentam:

A escola regular ainda não está adequada a receber crianças com Autismo, pois o município não oferta uma escola adaptada e com professores capacitados que possam desempenhar um bom trabalho com essas crianças (DOCENTE A).

A inclusão de alunos com Autismo é de ótimo aproveitamento, pois proporciona a interação desses alunos com os outros, trazendo uma troca de experiências e convivência (DOCENTE B).

Desta forma, percebemos a importância do trabalho voltado à inclusão das crianças com necessidades educacionais especiais, ampliando a troca de saberes e a construção de sentidos, como fica claro na fala da Docente B. Por outro lado, a Docente A traz a tona um velho e conhecido problema quando o assunto é a inclusão, que é a adaptação do espaço escolar, não apenas em relação ao espaço físico, mas também ao direcionamento das atividades propostas, a preparação docente para que o seu trabalho seja desenvolvimento de maneira mais específica.

O segundo momento foi direcionado para a gestão da escola, visando ampliar o tema em debate, complementando as falas das docentes frente ao assunto.

O primeiro ponto questiona sobre a existência de um planejamento educacional voltado para o trabalho de alunos com necessidades educacionais especiais. As gestoras citam o planejamento mensal com as formadoras da Secretaria municipal de Educação, alegando que nestes encontros os professores recebem suporte básico para trabalhar com NEE. Relatam ainda o acompanhamento que desenvolvem por meio de diagnósticos para verificar a evolução ou regresso dos discentes.

O segundo ponto proposto questiona sobre o preparo necessário para incluir uma criança com Autismo. As gestoras citam a importância de que houvesse formações mais direcionadas, bem como material pedagógico.

A relevância da interação entre família e escola no processo de ensino aprendizagem dos alunos com Autismo, também foi evidenciada. As gestoras concordam que a participação da família na vida educacional das crianças é de imensa importância, quer apresentem necessidades educacionais especiais ou não. Sobre esta importante relação uma das gestoras acrescenta:

Fundamental, tão necessário quanto o alimento que nos nutre. É a continuidade dos cuidados e amor que recebe em casa, que ela tem na escola. E o aprendizado que tem na escola favorece na relação com familiares, na socialização (GESTORA A).

Assim, percebe-se que muitas barreiras já foram vencidas no âmbito da inclusão dos alunos com necessidades especiais junto ao sistema regular de ensino. As barreiras que envolvem o processo de inclusão ainda são muitas, todavia, como uma das gestoras relatou, é preciso trabalhar dentro das possibilidades, com o que se tem, valorizando cada avanço da criança.

Dessa forma, pode-se acrescentar que o questionário direcionado para as professoras da Educação Infantil III, bem como para as gestoras da escola, foram de imenso valor para uma análise detalhada acerca do processo que envolve a aprendizagem e desenvolvimento da criança com Autismo, mostrando que o conhecimento é a chave para uma melhor condução no Autismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente estudo, buscou-se uma melhor compreensão à cerca da educação inclusiva, bem como da importância de ser trabalhado com foco em determinadas habilidades a fim de favorecer o processo de ensino aprendizagem e desenvolvimento humano das crianças, adolescentes e jovens especiais, com ênfase para o Autismo.

Na teoria muito se tem falado em educação inclusiva, mas na prática percebemos outra realidade. Escolas com suporte adequado para receber crianças com necessidades especiais, mas sem nenhuma preparação pedagógica para lidar com tal situação. Por esta razão, o que se percebe muitas vezes é que se trata de uma inclusão que exclui, pois as crianças especiais acabam apenas ocupando espaço nas escolas regulares, sem que haja um trabalho direcionado para as suas necessidades (BRANDE, 2012).

A participação das docentes e das gestoras da escola analisada foi de fundamental importância para um olhar mais direcionado em relação a determinados aspectos que envolvem o trabalho voltado para a inclusão de crianças com TEA. O que se percebe é que ainda falta muito para que o processo se consolide de maneira efetiva, com foco na promoção do desenvolvimento humano, mas ao mesmo tempo relatam-se as mudanças significativas nesse percurso para que a criança possa interagir com os demais à sua volta (DOMINGOS, 2005).

Um trabalho urgente, em torno da formação dos profissionais da educação deve ser realizado, a fim de que esta realidade seja mudada, possibilitando o real desenvolvimento das crianças por meio de ações interativas e dinâmicas, fortalecendo as relações entre crianças especiais e comuns, bem como com a sociedade que as envolvem (CHIOTE, 2011).

Compreende-se, portanto, que as mudanças devem acontecer não apenas em relação à estrutura física da escola, ou mesmo em relação às atividades que são desenvolvidas nesse espaço. É necessário que se mude também a forma de pensar das pessoas, as atitudes e os valores que se constroem mediante o trabalho com as crianças portadoras de necessidades especiais. A inclusão escolar (educação inclusiva) valoriza a diversidade, a cooperação e o respeito pelos que são diferentes (DOTA, 1991 et al BRANDE, 2012).

Assim, a pesquisa desenvolvida assume imensa relevância tanto no meio acadêmico quanto social, ampliando os olhares em torno das crianças com Autismo.

## REFERÊNCIAS

APA - American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

ARANTES, Valéria Amorim, et al. **Inclusão Escolar**. São Paulo: Summus, 2006.

BRANDE, Carla Andréa; ZANFELICE, Camila Cilene (Orgs.). **A inclusão escolar de um aluno com autismo: diferentes tempos de escuta, intervenção e aprendizagens**. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 25, n. 42, p. 43-56, jan./abr. 2012.

BORGES, A. C. *et al.* **Reflexões Sobre a Inclusão, a Diversidade, o Currículo e a Formação de Professores**. In: Congresso Acadêmico, v. 3 (2013): Educação, Tecnologia e Interdisciplinaridade, Porangatu/GO. Anais do Congresso Acadêmico-Científico da UEG Porangatu – Universidade Estadual de Goiás, Porangatu/GO, 2013.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de mundo**. Vol 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa.** Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão n. 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais n. 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 496 p. DF, 2016.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. **Competência social, inclusão escolar e autismo:** revisão crítica da literatura. *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, vol. 21, n.1, p. 64-74, jan./abr. 2009.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **Mediação Pedagógica na Inclusão da Criança com Autismo na Educação Infantil.** 2011. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, ES, 2011.

COSTA, Fihama Brenda Lucena da. **O Processo de inclusão do aluno autista na escola regular:** análise sobre as práticas pedagógicas. 2017. 92 f. Monografia (Graduação) – Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó/RN, 2017

DOMINGOS, Marisa Aparecida. **A escola como espaço de inclusão:** sentidos e significados produzidos por alunos e professores no cotidiano de uma escola do sistema regular de ensino a partir da inclusão de alunos portadores de necessidades educacionais especiais. 2005. 372 f. Monografia (Graduação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Educação integral no Brasil:** inovações em processo. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2007.

LIMA, Francisco José de. Ética e inclusão: o status da diferença. In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. *Inclusão: compartilhando saberes.* Petrópolis/RJ: Vozes, 2006. p. 54-66.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O desafio das diferenças nas escolas.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MATTOS, L. Kemp de; NUERNBERG, A. Henrique. **Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnóstico de autismo na educação infantil.** *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 24, n. 39, p. 129-142, jan./abr. 2011.

MEIRELLES, Elisa. **Inclusão de autistas, um direito que agora é lei.** *Nova Escola*, jan. 2013. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/57/legislacao-inclusao-autismo>>. Acesso em: 10 de julho de 2019.

PEREIRA, A. C. S. *et al.* **Transtorno do Espectro Autista (TEA):** definição, características e atendimento educacional. *Educação*, Batatais, v. 5, n. 2, p. 191-212, 2015.

SANTOS, Bianca Goulart dos. **A garantia do direito à educação da criança autista.** PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, 2014.

TENENTE, Luiza Bonemer. **A visão da escola sobre a inclusão de crianças com autismo.** 2017. 190 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.